

SURDOS E ACESSO À INFORMAÇÃO: ANTES, DURANTE E APÓS A PANDEMIA DA COVID-19

S. K. DA S. DE L. SANTOS¹, Q. P. DA SILVA², N. F. O. MENDES³, R. C. F. DE REZENDE⁴

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5949-4426>²

quepahim@gmail.com²

Submetido 14/03/2020 - Aceito 20/05/2021

DOI: 10.15628/holos.2021.10829

RESUMO

Este artigo tem como objetivo conhecer e refletir sobre a narrativa pessoal de uma das autoras, que é Surda, quanto à acessibilidade aos serviços de saúde pelos usuários Surdos em tempos de pandemia pelo novo coronavírus (Covid-19) e a nova realidade que a sociedade, a nível global, tem enfrentado durante o isolamento social, dadas as características e singularidade linguística e cultural deste público. Trata-se

de uma narrativa autoreferencial, que se baseou nos preceitos de autobiografia analisados por Alcântara (2020), como possibilidade de integrar o todo, a partir da individualidade dos sujeitos. Com a finalidade de contribuir com o avanço dos estudos em ciências humanas e sociais, será abordado também sobre a língua natural dos Surdos - Libras e acesso aos serviços de saúde por esse público antes, durante e após a pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia, Surdez, Saúde, Narrativa autobiográfica.

DEAF AND ACCESS TO INFORMATION: BEFORE, DURING AND AFTER THE COVID-19 PANDEMIC

ABSTRACT

This article aims to know and reflect on the personal narrative of one of the authors, who is Deaf, regarding accessibility to health services by users Deaf in times of pandemic due to the new coronavirus (Covid-19) and the new reality that society, at a global level, has faced during social isolation, given the linguistic and cultural characteristics and singularities of this audience. It is a self-referential narrative, which was based on the

precepts of autobiography analyzed by Alcântara (2020), as a possibility of integrating the whole, based on the individuality of each one. In order to contribute to the advancement of studies in human and social sciences, it will also be addressed on the natural language of the Deaf - Libras and access to health services before, during and after pandemic.

KEYWORDS: Pandemic, Deafness, Health, Autobiographical narrative.



1 INTRODUÇÃO

A História da humanidade é acompanhada de epidemias que, ao não serem contidas geograficamente, se alastraram para pandemias em vários continentes, causando milhares de óbitos e graves efeitos econômicos e sociais, como a gripe espanhola de 1918, a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) de 2002, a gripe aviária (H5N2) e a gripe suína (H1N1), ambas em 2009, e o novo coronavírus (SARS-CoV-2), vigente desde 2019 (Fariza, 2020).

Os primeiros casos confirmados do novo coronavírus, conhecido como Covid- 19, foram registrados na China no final de 2019, tendo se propagado rapidamente por outros países, apresentando-se como um dos maiores desafios sanitários a nível global, o que tem ocasionado drásticas mudanças no comportamento humano e na economia mundial, e que culminou com uma grande crise no planeta (OPAS, 2020). Essa crise, em escala mundial, vem afetando até os países mais desenvolvidos, trazendo impactos sociais, econômicos e políticos.

O desenvolvimento de novos vírus e a rápida e abrangente contaminação, é explicada por Ujvari (2011) ao analisar a facilidade de adaptação e mobilidade de todos os seres vivos, inclusive dos microrganismos, grupo em que os vírus e bactérias estão inseridos. Dessa forma, com o tempo, os humanos modificam o ambiente onde vivem aumentando suas chances de sobrevivência, assim como os microrganismos, o que causa a evolução de outros seres, estabelecendo um ciclo. Como relatado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (2020), o novo coronavírus é fruto dessa adaptação e da dinâmica da proximidade entre grandes aglomerações de pessoas e animais, fato que aumenta a chance de recombinações entre diferentes tipos de vírus.

Após a declaração da OMS, em março de 2020, sobre uma nova pandemia causada pelo coronavírus (OMS, 2020), governantes de todos continentes anunciaram medidas restritivas de circulação de pessoas e mercadorias e incentivaram o isolamento social, num esforço coletivo para conter a propagação do vírus (Lima, 2020; Soares, 2020).

No Brasil, a partir do cenário de emergência em saúde pública instaurado pela contaminação de Covid-19, as instituições de ensino foram obrigadas a suspender as aulas presenciais e a repensar a oferta do ensino por meio de atividades não presenciais. O sistema de saúde tem trabalhado no limite em alguns estados e grande parte da população vem mudando seus hábitos de consumo e interação, devido às adaptações das atividades econômicas decorrentes do enfrentamento ao crescente contágio.

Nesse contexto, encontram-se os Surdos¹, a exemplo de outras pessoas, que têm vivenciado uma nova rotina mas, diferentemente dos ouvintes, enfrentam barreiras comunicacionais em diversos serviços, já que são uma minoria linguística no país, em

¹ Surdo com “S” maiúsculo conforme proposto por Lane (2008) em reconhecimento à diferença sociolinguística e cultural que a língua de sinais dá a esses sujeitos que a utilizam como primeira língua.



especial nos serviços de saúde. Tal fato foi constatado em pesquisas anteriores à atual pandemia, como apontam Souza et al. (2017), em um estudo sobre as principais dificuldades e obstáculos enfrentados pela Comunidade Surda no acesso à saúde pública brasileira.

Segundo os autores, os pacientes Surdos buscam o sistema de saúde com menos frequência que os pacientes ouvintes por causa, principalmente, do medo por não serem compreendidos, já que a grande maioria dos profissionais de saúde desconhecem a Libras (Língua Brasileira de Sinais) e não há Intérpretes nos hospitais e nas unidades básicas de saúde. Soma-se a essa percepção o preconceito, ainda existente, e o baixo conhecimento desse público sobre as doenças e a saúde já que, muitas vezes, não recebem instrução sobre esse tema em sua primeira língua, acarretando desconfiança e frustração (Souza et al., 2017).

Diante do exposto e valendo-se do entendimento de narrativa autobiográfica como a oportunidade para evidenciar a intimidade do sujeito, circunscrevendo-o numa história social e cultural, o objetivo deste trabalho é conhecer e refletir sobre a experiência pessoal de uma das autoras, que é Surda, no contexto desta pandemia da Covid-19, do isolamento social, da incerteza e medo, da disseminação de informações falsas e do acesso aos serviços de saúde na capital do país, Brasília.

Utiliza-se, para isso, os preceitos de autobiografia analisados por Alcântara (2020), como possibilidade de integrar o todo, a partir da singularidade dos indivíduos. Por isso, e também com a intuito de contribuir com o avanço dos estudos em ciências humanas e sociais, serão apresentados, a seguir, alguns apontamentos sobre a língua natural dos Surdos e a importância de sua utilização para a garantia dos serviços de saúde para esse público não apenas durante, mas inclusive após a pandemia.

2 LIBRAS COMO LÍNGUA NATURAL DOS SURDOS

A concepção dos Surdos como incompletos e deficientes, remonta os tempos aristotélicos, em que se acreditava que a razão e o conhecimento advinham da audição e da comunicação através da fala e, nesse contexto, por não falarem, os Surdos não eram considerados capazes de aprender (Sacks, 1998). Esta percepção da surdez como deficiência advém da visão clínica, que a entende como falta da audição e que, por isso, precisa ser restabelecida através de implantes, aparelhos auditivos e/ou oralização da fala.

Diferentemente dessa visão, sob à análise sociocultural, há o entendimento da surdez como diferença linguística e cultural, garantida através da utilização da língua de sinais como primeira língua, o que confere aos Surdos o conceito de povo Surdo, com identidade, cultura e língua própria (Strobel, 2008).

Assim, ser Surdo com 'S' maiúsculo é reconhecer-se por meio de uma identidade compartilhada por pessoas que utilizam a língua de sinais e não vêem a si mesmas como sendo marcadas por uma perda, mas como "membros de uma minoria linguística e cultural



com normas, atitudes e valores distintos e uma constituição física distinta" (Lane, 2008, p. 287).

Coadunamos com Quadros (2008 p. 27), quando diz que "a Língua de Sinais é uma língua natural adquirida de forma espontânea pela pessoa surda em contato com pessoas que usam essa língua". Nessa perspectiva, os Surdos têm domínio quando descobrem, por meio de contatos externos, que existe uma língua que não é aprendida com esforço e sinalizada espontaneamente, pois, comumente, a língua adquirida no âmbito familiar com pais ouvintes não é a Libras, já que, em sua maioria, os Surdos são instruídos a aprender a língua oral de seus familiares ouvintes.

Estudos mostram que a maioria das pessoas Surdas que nascem no âmbito familiar ouvinte, criados e tomados pela cultura e língua de ouvintes, não adquirem uma língua de forma espontânea, como no caso da aquisição da linguagem em Libras, quando criados por pais Surdos pertencentes à Cultura Surda. Nesse sentido, "qualquer língua oral exigirá procedimentos sistemáticos e formais para ser adquirida por uma pessoa surda" (Quadros, 2008, p. 67), ou seja, o aprendizado é exaustivamente forçado e cobrado demandando esforço quando não compreendido pelos ouvintes.

No Brasil, é a Lei nº 10.436 de 22 de abril de 2002, conhecida como Lei da Libras, que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão das Comunidades Surdas do Brasil, constituída por sistema linguístico de natureza visuoespacial e com estrutura gramatical própria (Brasil, 2002). O artigo 3 desta mesma Lei dispõe sobre a garantia de atendimento e tratamento de saúde aos Surdos brasileiros em sua língua.

A regulamentação dessa normativa legal ocorreu em 2005, através do Decreto nº 5.626/2005 (Brasil, 2005) e, desde então, tem sido usado como um instrumento para a exigência dos direitos garantidos às Comunidades Surdas.

3 ACESSO AOS SERVIÇOS DE SAÚDE PELOS SURDOS

Apesar da existência das legislações, descritas no parágrafo anterior, que abordam dentre outros aspectos sobre a garantia do acesso linguístico dos Surdos na área da saúde, percebe-se que a prática ainda é ignorada pelos serviços prestados a essa população, tanto nas instituições quanto nas mídias que tratam sobre o assunto, respectivamente, nos serviços e reportagens relacionados a essa temática que, raramente, são traduzidas e interpretadas para a Libras.

A exemplo, quando as informações são disponibilizadas somente em língua portuguesa, ou seja, na segunda língua dos Surdos, eles as recebem e assimilam de forma fragmentada, prejudicando-os na compreensão de mundo (Weininger, 2014). Por isso, em consonância com Chaveiro (2008), a Libras precisa ser valorizada nas práticas da saúde, já que é reconhecida pela Lei nº 10.436/2002 como meio legal de comunicação dos Surdos brasileiros (Brasil, 2002).



Considerando que a comunicação é um dos principais fatores para viabilizar a qualidade no atendimento em serviços de saúde, de forma geral, uma pesquisa realizada de Magrini e Santos (2014) buscou compreender como se dá a comunicação entre os profissionais de saúde e as pessoas com deficiência auditiva e Surdas. O estudo incluiu 40 profissionais de uma Unidade de Saúde do SUS (Sistema Único de Saúde) e constatou que a maioria dos entrevistados se considera despreparada para realizar o atendimento a este público específico, não sabem se comunicar em Libras e nunca participaram de uma formação direcionada ao contexto desses sujeitos, seja por conta própria ou promovida pela instituição.

Em um estudo realizado por Neves, Felipe e Nunes (2016) foi analisada a acessibilidade aos serviços de saúde a partir da percepção de nove adultos Surdos em contextos que abordaram a autonomia e a comunicação destes sujeitos. A análise identificou obstáculos que são frequentemente encontrados no atendimento a esse público e considerou que um dos fatores se deve ao número reduzido de profissionais de saúde que conhecem e utilizam a Libras durante o atendimento, além da ausência de Tradutores e Intérpretes para mediar a comunicação.

Mendes (2019), em sua pesquisa de mestrado, teve como proposta traduzir e interpretar informações centrais de medicamentos em Libras para os Surdos usarem medicamentos de forma racional. Constatou ainda onze instrumentos jurídicos que tratam sobre o direito dos Surdos na área da saúde, concluindo que existem respaldos legais para que o acesso linguístico seja garantido a essa parcela da população. Contudo, as iniciativas para promover a acessibilidade aos usuários Surdos brasileiros são precárias ou inexistentes.

Ora, se existem bases legais e iniciativas que promovam o acesso linguístico aos Surdos, se indaga por qual razão o Ministério da Saúde continua ignorando o direito à acessibilidade desse público, ao não fiscalizar e exigir o seu cumprimento quanto às informações relacionadas aos cuidados com a saúde. Tal fato é evidenciado na pesquisa de Santos e Kafure (2019) que investigaram, a partir de observações e entrevistas, respectivamente, com grupos de Surdos e ouvintes, a importância das informações dispostas em cartazes de campanhas publicitárias do Ministério da Saúde. O estudo ora citado concluiu que a presença de imagens nos cartazes, frequentemente, não corresponde ou não faz relação ao tema da campanha. Além disso, o texto apresentado nesses materiais publicitários não atende às necessidades linguísticas e culturais dos Surdos.

Referindo-se ao cenário pandêmico que vivemos, Declercq (2020) concluiu que, devido à falta de informações, as pessoas Surdas ficam mais vulneráveis, já que desconhecem as rápidas mudanças que o novo contexto nos impõe. Ocasionalmente, este público depende de familiares, amigos ou até mesmo de profissionais Tradutores e Intérpretes de Libras que fazem uso de seu tempo "livre" para contribuir com informações relacionadas à saúde, porém fracionadas. Considerando que, muitas vezes, a família e os amigos não têm domínio da Libras e desconhecem a Cultura Surda, bem como os Tradutores



e Intérpretes de Libras possuem como sustento sua profissão, esses trabalhos voluntários são, muitas vezes, seguidos da falta de qualidade e disponibilidade aos Surdos.

Portanto, a responsabilidade do governo deve se sobressair às boas intenções dessas pessoas que dispõem, voluntariamente, de seu tempo para informar às pessoas Surdas, já que é função dos governantes esclarecer a todo tipo de cidadão com equidade e "ampliar o grau de autonomia de sujeitos e comunidades para reduzir a vulnerabilidade da Saúde Pública e oferecer um cuidado integral" (Chaveiro, et al. 2013, p. 622).

Após uma busca na web, foi identificado o aplicativo Coronavírus SUS, desenvolvido por uma equipe do Departamento de Informática do SUS (DataSus) e disponibilizado desde 28 de fevereiro de 2020, segundo dados da página do Ministério da Saúde (Brasil, 2020). O aplicativo permite identificar as unidades de saúde mais próximas do usuário para o caso de uma procura por atendimento médico e fornece orientações sobre os principais sintomas no caso de infecção pela Covid-19 e também medidas de prevenção. No entanto, todas as informações estão em língua portuguesa, o que dificulta o acesso às informações pelos Surdos, bem como a compreensão para tomar decisões com segurança.

Tal aspecto foi observado, de forma semelhante, em uma consulta à página oficial do Ministério da Saúde, que as informações sobre a Covid-19 são noticiadas em sua maioria, no formato de texto e de áudio (*podcast*) na Web Rádio Saúde. O auxílio que a página traz para o atendimento ao público Surdo é por meio da tradução com o software VLibras (VLibras, 2020), que pode ser acessado pelo ícone na lateral direita da página. Como forma de verificar a funcionalidade desse recurso, foi selecionado um trecho textual para submeter à tradução do avatar do VLibras e percebeu-se o não atendimento às necessidades do público usuário da Libras. Por exemplo, ao representar o termo "vacinar" (Figura 1) pela datilologia, o que não acrescenta significado e, conseqüentemente, não contribui para a compreensão da referida notícia. Esse tipo de tradução, com avatar, é indicado para aprendizes de Libras que não a dominam fluentemente e, portanto, não leva as informações, em geral, satisfatoriamente aos Surdos.



Figura 1: Página do Ministério da Saúde com tradução do software VLibras.

Fonte: Ministério da Saúde. Disponível em: <<https://saude.gov.br/>> Acesso em: 11 jul.2020.

Ainda na página do Ministério da Saúde, é possível visualizar a 'Central de Conteúdos' que permite alcançar publicações em outras mídias, como aplicativos, textos, imagens e vídeos. Durante a busca por vídeos, foram identificados materiais informativos com legenda em língua portuguesa, mas não foi encontrada qualquer publicação que utilizasse o recurso da janela de Libras. Esses achados reforçam a ausência de iniciativas do poder público para a criação de conteúdos voltados ao atendimento com acessibilidade para o público Surdo.

4 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que utilizou o método autobiográfico, baseado nos preceitos de narrativa autobiográfica analisados por Alcântara (2020), como possibilidade de integrar o todo, a partir da individualidade dos sujeitos. O sujeito neste estudo foi uma das autoras, que é Surda, docente da Rede Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, tem 38 anos, nasceu em João Pessoa, capital do estado da Paraíba, e mora em Brasília há 14 anos, onde cursou seu mestrado *stricto sensu*. Utiliza a Libras como primeira língua de comunicação e a língua portuguesa, na forma escrita, como segunda língua e compartilhou sua experiência em relação à acessibilidade aos canais de comunicação do Ministério da Saúde, bem como sua vivência diante dos sintomas da Covid-19, da necessidade de isolamento e do episódio da pandemia.

O todo refere-se aos ouvintes que desconhecem a realidade das pessoas Surdas em relação à acessibilidade aos serviços e informações de saúde em sua língua de instrução, aos demais Surdos que poderão se identificar com o relato da autora, bem como toda comunidade acadêmica.

Considerando a narrativa autobiográfica como uma possibilidade de introspecção, reflexão e abertura para o mundo através da narrativa, como proposto por Pineau (2006), esta metodologia traz elementos da experiência da própria fonte de informações que, nesta pesquisa, é uma das autoras.

5 RELATOS DE UMA AUTORA SURDA

Retomando o cenário inicial da pandemia da Covid-19, no qual todas as atividades foram suspensas no início de março de 2020, este relato parte da suspeita de infecção pelo vírus após o retorno de uma viagem ao Sul do país naquele mês, momento em que se registravam os primeiros casos da doença e não havia muita divulgação na mídia, inclusive para as minorias linguísticas do país, como os indígenas, os quilombolas e os Surdos.

A autora desta experiência afirma que os sintomas da Covid-19 foram percebidos enquanto estava sozinha em sua residência, sendo este um dos motivos para decidir iniciar a automedicação e permanecer fazendo o tratamento em casa:

Comecei meus sintomas sentindo meu corpo mole, depois tive falta de ar e dormi mal. Eu fiquei pensando em ir ao hospital, mas fiquei com receio de sair e decidi mandar mensagem



para minhas irmãs. Elas me disseram que não precisava ir ao hospital, já que meus sintomas estavam leves. Acharam melhor [ficar em casa], porque havia um risco de ir àquele lugar e, também, por estar sozinha ficaria mais difícil a comunicação por causa do uso da máscara.

Depreendem-se alguns sentimentos que contribuíram para a escolha da autora em ficar em casa, ao prever a impossibilidade de ser compreendida pela equipe médica em sua língua natural. Além disso, diante do quadro de sintomas leves, a orientação de familiares, que possuem formação na área médica, buscou minimizar o agravamento da sua saúde e a sua exposição a um cenário em que ainda não havia certeza da contaminação pelo vírus. Assim, a automedicação e o autocuidado se deu pela prática de nebulização com soro fisiológico, uso de antitérmicos e chás para ajudar a aquecer as vias respiratórias.

Também não conseguia entrar em contato com o SUS por causa da comunicação. Aí decidi que, se eu tivesse uma piora da doença, eu iria ao hospital. Só que, graças a Deus, eu só tive sintomas leves da Covid-19. Fiquei com dificuldade de respirar e como tive logo no começo foi um pouco assustador. Nós não sabíamos muito sobre a doença e eu ainda tinha a dificuldade de não ter como me comunicar!

O relato reflete o sentimento de angústia vivido pela autora ao passar pelos sintomas, o mal estar com a dificuldade de respirar com conforto, além da solidão por se encontrar sozinha em casa e a incerteza de que estava ou não doente: “Estava sozinha, em isolamento, e não conseguia entrar em contato com o Ministério da Saúde, porque não há nenhum portal com acessibilidade que me permitisse tirar dúvidas”.

Com a falta de um canal de comunicação direcionado ao atendimento dos Surdos em um contexto tão novo e nunca experimentado, incorre-se em uma barreira informacional que pode aumentar a sensação de insegurança desse público e sua maior vulnerabilidade a falhas na compreensão do que seja realmente a pandemia da Covid-19.

Felizmente, o isolamento, o autocuidado e a característica de sintomas leves contribuíram para a melhora no quadro de saúde da autora. Embora não tenha sido confirmada a sua infecção pelo vírus da Covid-19, a busca pelos pares surgiu como a melhor alternativa para ter acesso à informação e tomar a melhor decisão para passar por essa situação: “agora, imagino que outros Surdos vão sofrer com a dificuldade de comunicação em hospital e não terão como ligar para o SUS. A verdade é que deveria ter Intérprete de Libras em hospitais, garantindo a acessibilidade”, finaliza

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de isolamento relatada neste trabalho reforça a hipótese de que ter acesso à informação é fundamental para direcionar o indivíduo a tomar decisões baseadas em acontecimentos reais e cientificamente evidenciados. O fato de a autora ter em sua família pessoas que puderam acolhê-la em um momento tão sensível, social e psicologicamente vivido, tornou-se o fator principal para que pudesse ter acesso às



informações, mesmo que fragmentadas, e perceber o quanto as demais pessoas, linguisticamente minoritárias e que dependem dos serviços essenciais de saúde, estão igualmente vulneráveis.

Anterior aos acontecimentos da pandemia Covid-19, constatamos por meio de estudos mencionados por Mendes (2019) e demais autores, que os serviços de saúde aos Surdos foram ignorados ou vêm sendo apresentados de forma paliativa pelas mídias e instituições governamentais, tais como apresentado nas ferramentas em avatares. Ainda, conforme relato da autora Surda, constatamos que os serviços de acessibilidade a este público durante a pandemia também foram ignorados pelos órgãos responsáveis. Observamos, portanto, já que não houve acessibilidade linguística antes e durante o surto pandêmico, que os Surdos permanecem à mercê da falta de entendimento sobre os fatos ocorridos em detrimento da pandemia e continuam recebendo poucas informações através de terceiros que, muitas vezes têm boa intenção, porém não boa compreensão da língua e Cultura Surda.

A presença da tecnologia, a partir da criação de aplicativos como o Coronavírus SUS, não exime a responsabilidade dos governos nacional e local para o cumprimento de medidas essenciais e necessárias que promovam o conhecimento àqueles que têm sua língua como principal arma no combate à veiculação de notícias falsas, que podem levar a decisões incorretas e agravar o problema.

O acesso à informação na língua de instrução da população Surda, é um direito regulamentado por normativos legais. Por esse motivo, e com base nos dados de estudos e o relato aqui apresentado, deve-se considerar a primeira língua deste público, como principal canal de comunicação, inclusive na pós pandemia. Nesse sentido, para que os Surdos possam receber com equidade os informes, assim como os ouvintes, "as instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado" (Brasil, 2002). Assim, todas as notícias precisam ser traduzidas e interpretadas para a Libras por meio de profissionais Tradutores e Intérpretes de Libras em hospitais e em mídias do Ministério da Saúde. Dessa forma, os Surdos saberão como se resguardar conforme as orientações da OMS.

7 REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, M. H. M. de (2020). A narrativa biográfica no debate acadêmico contemporâneo: uma contribuição bibliográfica. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, 5 (14), 796-814, maio/ago. Disponível em: < <http://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7814/pdf#> >. Acesso em 11 jul. 2020.



- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível online em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm >. Acesso em: 10 jul. 2020.
- BRASIL. Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2000. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm >. Acesso em: 17 jul. 2020.
- BRASIL. *Aplicativo Coronavírus SUS agora envia mensagens de alertas aos usuários*. Ministério da Saúde [31 mar. 2020]. Disponível em: < <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46628-aplicativo-coronavirus-sus-agora-envia-mensagens-de-alertas-aos-usuarios#:~:text=Desenvolvido%20pelo%20Departamento%20de%20Inform%C3%A1tica,do%20novo%20coronav%C3%ADrus%20no%20pa%C3%ADs> > Acesso em: 11 jul. 2020
- CHAVEIRO, N.; BARBOSA, M. A.; PORTO, C. C. (2008) Revisão de literatura sobre o atendimento ao paciente surdo pelos profissionais da saúde. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 42(3), 578-583.
- CHAVEIRO, N. et al. (2013). Instrumentos em Língua Brasileira de Sinais para avaliação da qualidade de vida da população surda. *Revista de Saúde Pública* [online] 47(3), 616-623. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0034-8910.2013047004136> >. Acesso em: 15 Jul. 2020
- DECLERCQ, M. (2020). Informações essenciais sobre novo coronavírus não chegam para os surdos. *UOL*. [02/04/2020] Disponível em < <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/04/02/a-maioria-das-informacoes-sobre-a-covid-19-nao-chegam-para-os-surdos.htm> > Acesso em: 18 jul. 2020.
- FARIZA, I. (2020). *Lições de 1918*: as cidades que se anteciparam no distanciamento social cresceram mais após a pandemia. *El país* [30/03/2020]. Disponível em:< <https://brasil.elpais.com/economia/2020-03-30/licoes-de-1918-as-cidades-que-se-anteciparam-no-distanciamento-social-cresceram-mais-apos-a-pandemia.html> >. Acesso em: 10 jun. 2020.
- LANE, H. (2008). Do deaf people have a disability? In Bauman HDL (Org.), *Open your eyes: Deaf studies talking*. Minneapolis: University of Minnesota: 277-292.
- LIMA, J. D. (2020). O distanciamento social como redutor de contaminações. *Nexo* [17/03/2020]. Disponível em: < <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/03/17/O-distanciamento-social-como-redutor-de-contamina%C3%A7%C3%B5es> >. Acesso em: 09 jul. 2020.



- OMS (2020) Organização Mundial da Saúde. *Q&As on COVID-19 and related health topics*. Disponível em: < <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/question-and-answers-hub> >. Acesso em 10 jul. 2020.
- OPAS (2020). Organização Pan Americana de Saúde. *Home*. Disponível em: https://www.paho.org/bra/?gclid=Cj0KCQjwo6D4BRDgARIsAA6uN18OLz3gUxIP1SfeGHrVv_JfqvJ0wQpDJYqyWfGvan_9YgqdGOH2H2AaAgKoEALw_wcB Acesso em: 10 jul. 2020.
- MAGRINI, A. M.; SANTOS, T. M. M. (2014). Comunicação entre funcionários de uma unidade de saúde e pacientes surdos: um problema? *Distúrbios da Comunicação*, 26(3), 550-558. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/14880> >. Acesso em: 19 jul. 2020.
- MENDES, N. F. O. (2019). *Informações centrais de medicamento em Libras: Tradução comentada para instituir o direito e o acesso linguístico dos surdos na área da saúde*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- NASCIMENTO, C. B (2011). Alfabeto Manual da Língua de Sinais Brasileira (Libras): uma fonte produtiva para importar palavras da língua portuguesa. *Revista Trama*, 7(14), 33-55. Paraná.
- NEVES, D. B; FELIPE, I. M. A.; NUNES, S. P. H. (2016). Atendimento aos surdos nos serviços de saúde: acessibilidade e obstáculos. *Infarma - Ciências Farmacêuticas*. 28(3), 157-165. Disponível em: < <http://revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article&op=view&path%5B%5D=1713> >. Acesso em: 19 jul. 2020.
- PINEAU, G. (2006). As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, 32(2), 329-343. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a09v32n2.pdf> >. Acesso em: 26 jul. 2020.
- QUADROS. R. M. (2008). *Educação de Surdos: a aquisição da Linguagem*. Porto Alegre: Ed. Artmed.
- SACKS, O. (1998). *Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Cia. Das Letras.
- SANTOS, S. K. da S. de L.; KAFURE, I. (2019). Interação do usuário com a informação em campanhas publicitárias do Ministério da Saúde. *Anais do XX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB)*, Florianópolis, Brasil. Disponível em: < <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/615/972> >. Acesso em: 11 jul. 2020.
- SOARES, I. (2020). Como o distanciamento social ajuda a frear a disseminação do coronavírus. *GaúchaZH* [17/03/2020]. Disponível em: < <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2020/03/como-o-distanciamento->



[social-ajuda-a-frear-a-disseminacao-do-coronavirus-ck7wkcm0r05g701pq2yrbe69e.html](https://doi.org/10.1590/1807-160020210003000395) >. Acesso em: 27 abr. 2020.

SOUZA, M. F. N. S. et al. (2017). Principais dificuldades e obstáculos enfrentados pela comunidade surda no acesso à saúde: uma revisão integrativa de literatura. *Revista CEFAC*, São Paulo, 19(3), 395-405. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-184620170003000395&lng=en&nrm=iso >. Acesso em 18 jul. 2020.

STROBEL, K. L. (2008). *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 4 ed. Editora: UFSC, Florianópolis. 146p.

UJVARI, S. C. (2011). *Pandemias: a humanidade em risco*. Contexto: São Paulo.

VLIBRAS. *Vlibras*. Disponível em: < <https://www.vlibras.gov.br/> >. Acesso em 18 jul. 2020.

WEININGER, M. J. (2014). Análise e aplicação de aspectos sociolinguísticos e prosódicos na interpretação de libras-PB. *Estudos das Línguas de Sinais*. SELS. Florianópolis: UFSC, 71-97.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

Santos, S. K. da S. de L., Silva, Q. P. da, Mendes, N. F. O., Rezende, R. C. F. de (2021). Surdos e acesso à informação: antes, durante e após a pandemia da covid-19. *Holos – II Dossiê COVID-19 e o mundo em tempos de pandemia*. 37(3), 1-12.

SOBRE OS AUTORES

S. K. DA S. DE L. SANTOS

Doutora em Ciência da Informação (UnB). Mestre em Engenharia Mecânica (UFPE). Graduada em Engenharia Eletrônica (UPE) e Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (IFPE). Docente de Informática do Instituto Federal de Brasília (IFB). E-mail: sylkarla@gmail.com.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-8490-5883>

Q. P. DA SILVA

Professora do eixo Turismo, Hospitalidade e Lazer do campus Brasília e pós graduanda do programa de Educação nível doutorado da Universidade Católica de Brasília. E-mail: quepahim@gmail.com.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5949-4426>

N. F. O. MENDES

Doutoranda da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Estudos da Tradução da UFSC. Especialista em Docência do Ensino Superior. Graduada em Letras Libras e Pedagogia. Docente do Instituto Federal de Brasília. Tradutóloga, tradutora e intérprete de Libras (Língua Brasileira de Sinais). E-mail: nubiaflavia2@gmail.com.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1780-9810>

R. C. F. DE REZENDE

Mestra em Estudos da Tradução de UnB. Especialista em Libras. Graduada em Letras Libras (UFSC) e Sistema de Informática (Unieuro). Docente do Instituto Federal de Brasília (IFB). Atriz, performance,



produtora , poeta , tradutora e interprete de Libras. E-mail: renata.libras7@gmail.com.
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1037-9678>

Editor(a) Responsável: Francinaide de Lima Silva Nascimento

Pareceristas *Ad Hoc*: JOSÉ DA PAZ E ADRIANA SOUZA

